

Relacionamento abusivo: análise discursiva de depoimentos de vítimas de abusos

Abusive relationship: discursive analysis of testimonies from abuse victims

Landara Anne Melo Zinhani¹
Universidade do Estado de Mato Grosso

Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi²
Universidade do Estado de Mato Grosso

♦ **RESUMO:** Os modos de constituição dos relacionamentos humanos são objeto de constantes pesquisas, principalmente na área da psicologia comportamental, em razão de sua complexidade intrínseca na formação social. Em vista desse quadro, a presente pesquisa objetiva analisar – fundamentada teoricamente na Análise de Discurso de linha francesa – discursos de/sobre relacionamentos abusivos, com depoimentos disponíveis em sites da internet, procurando compreender a partir das regularidades da estrutura linguístico-discursiva, como as posições-sujeito (abusador – abusado) se delineiam na e pela língua(gem).

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** relacionamentos abusivos; posição-sujeito; efeitos de sentidos; formação discursiva; práticas sociais.

♦ **ABSTRACT:** The modes of constitution of human relationships are the subject of constant research, mainly in the area of behavioral psychology, due to its intrinsic complexity in social formation. In view of this situation, the present research aims to analyze - theoretically based on French Discourse Analysis - speeches of/about abusive relationships, with testimonies available on internet sites, seeking to understand from the regularities of the linguistic-discursive structure, such as the subject-positions (abuser – abused) are delineated in and through language.

♦ **KEYWORDS:** abusive relationships; subject-position; effects of senses; discursive formation; social practices.

Introdução

Este artigo discute o objeto de minhas análises e reflexões nessa pesquisa: o discurso dos chamados “relacionamentos abusivos”. Vou tratar dessa questão na perspectiva da Análise de Discurso de filiação a M. Pêcheux, como explicitarei mais longamente mais abaixo. Nesse passo, gostaria de trazer algumas noções que são imprescindíveis, como as de : formação discursiva, posição-sujeito, memória discursiva (ou interdiscurso).

¹ Mestranda em Linguística pela PPGL-UNEMAT. E-mail: landara.zinhani@unemat.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT.

A partir de Pêcheux (2019, p.39), E. Orlandi (2009) define o discurso como “efeito de sentidos entre interlocutores”. Isso implica em levar em conta a relação da língua, como diz o autor (Pêcheux, idem), com as condições de produção do discurso. As *condições de produção* são constituídas pelo sujeito e pela situação, a que Orlandi (idem) acrescenta a memória discursiva. Quanto à situação, podemos pensá-la no sentido estrito, que são as circunstâncias da formulação, ou em sentido amplo, e aí entram as condições sócio-históricas e ideológicas. Faz parte também a memória discursiva, como dissemos, que é o dizer já dito e esquecido que constitui todo dizer. Para definirmos a memória discursiva trazemos uma afirmação de M. Pêcheux (1988, p.162): “alguma coisa fala antes, em outro lugar, e independentemente”. Isso significa que, ao falarmos, tomamos sentidos pré-existentes que podemos apenas reproduzir ou deslocar.

Ao nos apropriarmos dos sentidos, deixamos nossas marcas. Não são mera repetição. Mas há coerções que produzem os discursos dominantes que nos fazem reproduzir sentidos, já cristalizados em nossa memória. Isso é assim porque, para significar, nossas palavras se inscrevem em uma formação discursiva ou outra. As formações discursivas são, nos discursos, o reflexo das formações ideológicas. Segundo M. Pêcheux (1988, p.160):

“A formação discursiva é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) ”.

Assim, uma mesma palavra, por exemplo “abuso”, não tem um sentido só, mas o sentido da formação discursiva na qual se inscreve quando dita pelo sujeito x em condições de produção específicas. Mas sempre há uma formação discursiva dominante que faz com que o mesmo sentido esteja presente em diferentes formulações. Em nosso estudo vamos analisar os sentidos do que é definido como *relacionamento abusivo*. Quanto aos sujeitos, segundo a Análise de Discurso, não é o lugar social em si do sujeito que conta, mas sua projeção pelas formações imaginárias no discurso. Assim, o sujeito ao se identificar com sentidos de uma formação discursiva ou outra constitui-se em sua posição-sujeito. Nossa questão é saber como é a formação discursiva da posição-sujeito abusada no relacionamento abusivo. Como ela significa? Como é significada?

Relacionamento abusivo é um termo utilizado para definir relacionamentos afetivos constituídos por abusos psicológicos, emocionais, físicos, sexuais e até mesmo econômicos. Essa prática pode materializar-se verbal ou não-verbalmente, e caracteriza-se pela sua reincidência por parte das duas posições-sujeito que participam dela: a do sujeito abusador, na sua reprodução de discursos de dominação e de posse, que fazem com que a posição-sujeito abusado, mesmo que inconscientemente, mantenha sua posição-sujeito subjugado; por esse motivo, muitas vezes, o próprio sujeito que constitui uma das partes do relacionamento abusivo, não reconhece a sua relação de casal como abusiva.

Esses movimentos, de reprodução e de manutenção, que concorrem para a produção dos relacionamentos abusivos, são possíveis pelo funcionamento ideológico em conjunto com o funcionamento do inconsciente, pois “o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação (HENRY, 1992, p.188). Portanto, há uma captura do sujeito pela linguagem e pelos seus rituais, porém é salutar dar visibilidade e “[...] reconhecer que não há ritual sem falhas” (PÊCHEUX, 2009, p. 277), e é no lugar da falha, que o sujeito pode resistir. Desse modo, pretendemos analisar não somente os discursos que produzem efeitos de sentido de “passividade”, bem como os discursos que se constituem como gestos de resistência.

Atualmente o relacionamento abusivo é um tema presente, porém, muitas vezes, no imaginário social, o abuso é interpretado como normalidade, em razão da memória discursiva que preside os modos de constituição de relacionamentos, nos quais, geralmente, o homem é significado como o centro, como um ser superior à mulher, sendo ela sua subalterna. A própria bíblia, que baseia os preceitos cristãos, diz que o “cabeça da mulher é o homem” (1 Coríntios 11:3; Efésios 5:23), o que produz discursos machistas e gestos de linguagem possessivos por parte dos homens acarretando feminicídios³.

De acordo com a pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2018, a taxa que conta apenas as mortes de mulheres cresceu 5,4%, mais de 13 mulheres morrem diariamente no Brasil vítimas de feminicídio. Isso tudo se deve ao fato de que a sociedade produz sentidos de romantização do abuso, em razão do seu processo de constituição histórico.

Ao refletirmos sobre relacionamentos abusivos, remetemo-nos à comportamentos violentos, como dissemos, de natureza física, sexual e/ou psicológica, baseados em relações de poder. Nessas relações de poder entre abusador e abusado predomina uma força simbólica e física, compreendidas enquanto “gestos estes que intervêm no real dos sentidos, enquanto atos simbólicos” (ORLANDI, 2012).

Assim, pode-se dizer que a materialização do abuso pode ocorrer por distintas maneiras. E. Orlandi, introduziu na *Análise de Discurso* (1996, p.12) a noção de *forma material*. Trata-se, segundo a autora, na linguagem, não da forma empírica, nem da forma abstrata que analisamos, mas da forma material, linguístico-histórica. Isto porque, para significar a língua, em sua materialidade, inscreve-se na história para significar. Lagazzi define “a materialidade como o modo significante pelo qual o sentido se formula” (2010, p. 173) e essa materialidade, segundo Orlandi (1995), pode ser verbal ou não verbal em variadas possibilidades. Vale, ainda, lembrar uma forma de significar que é a do silêncio (E. Orlandi, 1992). Nesse caso, a invisibilidade constitui a forma material que significa o abuso e o sofrimento que dele decorre.

Conforme Foucault (1995), acredita-se que o poder está presente em todas as relações, podendo ser acompanhada ou não de violência, mas para isso é preciso existir a chamada passividade do sujeito abusado. As relações de poder podem vir a ser instáveis, possibilitando que o sujeito submisso se perceba como tal e produza gestos de resistência. Para isso concorre o modo de individuação do sujeito pelo estado, em sua articulação político-simbólico-política (E. Orlandi, 2012), que, na falha, possibilita que haja uma ruptura nesse processo de dominação.

Os debates englobando os relacionamentos abusivos no cenário brasileiro são muito recorrentes, principalmente por meio das mídias sociais. Entretanto, vale ressaltar que os sinais da prática de relacionamentos abusivos são quase invisíveis, silenciosos e silenciadores, e quase sempre aparecem gradualmente com pequenos gestos, e que podem levar muito tempo até a situação ficar muito crítica. A partir deste projeto, pretendemos, após uma visão discursiva, histórica, dos abusos contra a mulher - e atentando para a construção das condições de produção do discurso do abuso - analisarmos os efeitos de sentido produzidos, na construção desses relacionamentos, a partir do corpus que propomos, em nosso recorte.

A violência contra a mulher, especificamente dentro da abordagem do que vem sendo definido como relacionamento abusivo, tem se destacado com grande importância nos últimos anos, após a criação da Lei Maria da Penha nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Com as mídias e redes sociais tem se avançado desde então com debates feministas e notícias sobre violência contra a mulher.

³ Feminicídio é o homicídio cometido contra mulheres que é motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero. (PORFÍRIO, 2019, SP)

O que significa, afinal, relacionamento abusivo? Quando falamos de “relacionamento abusivo”, logo pensamos que se dá somente em namoros e casamentos, quando na verdade o abuso pode acontecer dentro de ambientes de trabalho, ambientes familiares e até mesmo com amizades. O termo relacionamento abusivo (RA) é comumente utilizado para condenar o abuso psicológico que ocorre em relacionamentos íntimos, mas não se restringe só ao psicológico. As relações abusivas são especificamente de natureza verbal, psicológica, física e sexual. É comum perceber, nas RA, o abusador estabelecer uma relação de poder sobre a vítima, mantida como um objeto. Para Arendt (1985) a violência é a última alternativa para manter o poder sobre o outro. Contudo, nas relações íntimas, em que ocorre abuso, o poder se concentra na desigualdade de forças existentes sobre o sujeito abusado, sendo física ou simbólica, a força maior é aplicada para atingir um objetivo. Para reconhecer um relacionamento em que há abuso, é preciso entender como são definidos, significados, esses tipos de violência para que o sujeito abusado reconheça.

A violência física está agregada à força física para ferir o outro, podendo causar hematomas, quebra de ossos, perfurações. São causadas por mãos ou instrumentos como faca, e etc.

A violência moral acontece quando o abusador produz injúrias e difamações sobre a vítima, sempre com o objetivo de diminuí-la e a rejeitar perante seu ciclo de vida social. A violência psicológica trata de agressões emocionais, como ameaças, rejeições, discriminações, humilhações, e piadas debochadas.

A violência sexual ocorre através de ameaças, uso de força bruta, coerções, quando se obriga a vítima, independente da forma. Geralmente esse abuso ocorre quando a mulher está em estado de vulnerabilidade.

Na violência Patrimonial, o abusador retém qualquer documento, bens e dinheiro da vítima para mantê-la prisioneira ao abusador, e também é constante o monitoramento da vítima através das redes sociais, celulares, acompanhados de cobranças e ciúmes exagerados. O poder está comumente presente em todas as relações humanas, pois a violência vai da submissão à passividade da vítima, segundo Foucault (1995).

As relações não são estáveis, fazendo com que a relação de poder esteja em diferentes níveis conforme a relação evolui, e podendo as vítimas ou submissos adquirirem consciência de estarem presos à uma relação que se significa como relação de poder. Ao tratarmos sobre relacionamento abusivo é comum o discurso de questionamento sobre o que mantém as pessoas vítimas de abuso no relacionamento. É comum observar esses casos em que a vítima não consegue identificar que está em uma relação de abuso, de poder.

Pesquisas feitas em sites como *Delas* e *Onu Mulheres*, tratam especificamente do assunto e oferecem ajuda e apoio, além de alertar as mulheres sobre sinais que referenciam um relacionamento abusivo como, por exemplo, comportamentos, ações, discursos que por mais sutis que aconteçam, podem agravar conforme o tempo. Esta é a parte em que a questão do silêncio e do silenciamento entra mais fortemente.

Dispondo da análise de discurso, e os pressupostos apresentados por ela, podemos desenvolver diversas considerações analíticas; é notável que é uma área de conhecimento que se atente à interpretação, que a interrogue. Recorrendo a este domínio de conhecimento teórico, podemos observar algo silencioso presente na sociedade, mas recorrente em debates os abusos contra a mulher que mantém uma relação estreita com a linguagem, sendo assim como uma grande disseminadora de estereótipos. Pensamos que a análise de discurso possa permitir a compreensão do funcionamento desses discursos, que são construídos desde os primórdios para gerações subsequentes, ou por crenças estereotipadas a respeito das mulheres, ou sobre o patriarcado que domina entre os

homens em que se origina a prática dos abusos. Segundo Arendt (1985) a violência surge como uma alternativa para usufruir do poder sobre o outro, então um relacionamento abusivo demonstra relações de força entre a posição- sujeito abusador e a posição do sujeito que sofre abuso.

Justificamos a feitura desta pesquisa pela sua relevância na compreensão do funcionamento social, em uma de suas esferas constitutivas, os relacionamentos afetivos entre os sujeitos. Com a observação dos modos de constituição desse quadro pela língua(gem) podemos compreender as minúcias e particularidades dos laços entre sujeitos que fazem e são feitos por linguagem.

Para análise de discurso, conforme Orlandi, o que é princípio do fazer analítico é também procedimento, sendo assim o corpus se constrói a partir do objeto e dos gestos de leitura que implica delimitar nosso recorte para que possamos compreender os efeitos de sentido a partir dos discursos.

Desse modo, conforme Orlandi (2012), as unidades discursivas constituem fragmentos, recortes, que, submetidos à análise, são capazes de nos mostrar uma determinada situação discursiva. Esse pensamento analítico nos permite discutir os efeitos de sentido produzidos a partir dos discursos a serem observados nesta pesquisa.

Em nossa análise algumas noções estarão mais presentes. Noções como as de *posição-sujeito*. Para tratar do sujeito agressor em sua posição-sujeito, ou seja, identificando-se com sentidos de relacionamento abusivo, tendo ou não consciência disso, já que o processo de identificação se constitui pela identificação do sujeito em um processo que é um processo ideológico, já que as formações discursivas, com que ele se identifica, são o reflexo das formações ideológicas no discurso. A noção de *formulação* também estará muito presente. Essa noção nos vem da distinção feita por Orlandi (E. Orlandi, 2001), em relação aos processos de significação, dos três momentos que a autora considera relevantes: a *constituição* do discurso, a *formulação* em condições de produção e circunstâncias específicas, e a *circulação* dos discursos em certa conjuntura e certas condições. Também a noção de *memória discursiva ou interdiscurso*, que se relaciona com a constituição dos processos de significação e que fazem intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo (E. Orlandi, idem,2001), estará nos ocupando. Na forma como diz M. Pêcheux (1988): “Alguma coisa fala antes, em outro lugar, e independentemente”. É o dizer já dito e repetido que encontramos quando analisamos os dizeres dos sujeitos, em nosso caso, no relacionamento abusivo. As *formações imaginárias* são, como diz M. Pêcheux, aquelas que projetam a situação dos sujeitos no discurso. Daí falarmos não em lugar social do sujeito, mas em sua *posição-sujeito no discurso*. Não trabalhamos com o lugar social do sujeito tal qual, no processo de significação, mas com sua projeção imaginária, isto é, com a imagem que se faz de uma mulher, a imagem que se faz de um homem, a imagem que se faz de um relacionamento amoroso, e a imagem de um relacionamento abusivo. São essas imagens, que presidem as relações entre posições-sujeitos, que estarão funcionando nos depoimentos que vamos analisar.

Relações machistas

Podemos considerar como ponto de partida que o machismo é um discurso que se sustenta no preconceito. Segundo Orlandi (2007, p.2):

Do ponto de vista do discurso, o preconceito é uma discursividade que circula sem sustentação em condições reais, e fortemente mantida por relações imaginárias, atravessadas por um poder dizer que apaga (silencia) sentidos e razões da própria maneira de significar.

Isso significa que o real é apagado em função de um imaginário que tem força nas relações sociais. Assim, podemos considerar o preconceito como social e histórico, embora ele se realize no indivíduo. Ainda segundo Orlandi (idem, 2007, p.3) as diferenças são assim constituídas por essas relações:

Os mesmos fatos, coisas e seres têm sentidos diferentes de acordo com as suas condições de existência e de produção. No entanto, há um imaginário social que, na história, vai constituindo direções para esses sentidos, hierarquizando-os, valorizando uns em detrimento de outros, de acordo com as relações de força e de poder que presidem a vida social.

Ainda segundo a autora (idem, 2007) o preconceito não recai sobre a qualidade, como parece, pelo modo como se apresenta - a mulher é “x”- mas sobre o próprio ser (no caso, mulher). O preconceito machista contra a mulher nega a existência da própria mulher em seus sentidos no plural. De um modo muito próprio de exclusão, o preconceito coloca a posição-sujeito mulher fora da gestão social e apaga a historicidade dos sentidos que conduzem esses sentidos (estigmatizados) que lhes são atribuídos. Como afirma Orlandi (2007, p.2):

Somos discriminados toda vez que somos submetidos a censura em nossa forma de significar e de significar-nos. Não pode haver obstrução dos processos de significação e da circulação dos sujeitos pelos diferentes modos de significar (e significar-se).

Tendo em conta o preconceito e a discriminação, vejamos algumas reflexões sobre o machismo. Segundo Arciniega et. al., (2008), “o machismo é o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino”. Essa é uma definição que se sustenta na ideologia capitalista, considerados os deveres e direitos do cidadão. Já para Saffioti (2013, apud L. Maia):

a ideologia machista socializa o homem para dominar a mulher, e, esta, para se submeter ao "poder do macho" e que a violência contra as mulheres resultaria da socialização machista e por esse prisma, o homem se julgaria no suposto 'direito' de espancar sua mulher.

Na visão de Saffioti a mulher não é cúmplice, como alguns referem ao falar das relações abusivas, mas vítima.

Em termos da Análise de Discurso, diríamos, como Orlandi (2001), que há individualização do sujeito pela articulação político-simbólica da forma sujeito histórica capitalista, em que o próprio Estado distribui, na sociedade, a ideologia machista. Daí se chamar o machismo de estrutural.

De acordo com Teles e Melo (2003, apud Laura Maia, 2017) é extremamente visível na nossa sociedade a forte presença do ideário machista e discriminador contra a mulher, formulado de diversas formas, desde propagandas publicitárias com forte apelação sexual da imagem da mulher, aos mais diversos tipos de violência que ferem e interferem na saúde da mulher, na sua integridade física, moral e social.

Portanto, como toda ideologia, o machismo é uma *práxis* em que vemos juntarem-se o simbólico e o político em uma forma de relação/prática social. Prática que toca a relação material entre inconsciente e ideologia. Sabemos como é difícil para um machista se reconhecer como sendo. E, nos relacionamentos abusivos, que analisamos, isto está muito presente, sobretudo porque a violência física, em geral, é precedida pela violência psicológica. Também para a mulher é difícil reconhecer traços machistas nos sentidos vividos em seu relacionamento.

Queremos, para finalizar essas breves considerações, lembrar que o machismo é uma questão de gênero e não se manifesta só no homem, mas também em mulheres. É uma questão ideológica.

Análises

Quanto aos depoimentos, para nossa pesquisa, optamos por analisar testemunhos de vítimas de relacionamento abusivo heterossexuais e homoafetivos. Pelo fato de os relacionamentos abusivos homoafetivos serem menos abordados, há uma percepção em que essas relações são menos possíveis de serem abusivas. Vale ressaltar que o comportamento abusivo não tem a ver com gênero ou orientação sexual, mas sim com a determinação ideológica que constitui as posições-sujeito com seus sentidos. O conceito para que haja violência psicológica e emocional, nas relações afetivas íntimas, entre homens e mulheres, cobre sentidos que vão além da física e, além disso, pressupõe que o relacionamento se inicia com intimidade prévia entre a posição-sujeito agressor e a posição-sujeito vítima, posteriormente agravando a situação. Recorremos a relatos dados por mulheres sobre seu sofrimento de relações amorosas, especificamente nas relações heterossexuais, em que foi popularizado em notícias e visto como a principal ameaça psíquica dos indivíduos. É importante ressaltar aqui que, o intuito de analisar os discursos, não é verificar a veracidade dos fatos compartilhados, mas o que fornece as condições implícitas nessa relação abusiva. Trata-se de, com a análise, compreender o real processo de significação. As narrativas merecem atenção para a posição da vítima frente ao abuso, que nos permite uma observação cuidadosa do processo de significação de diversas formas de violência. A seguir, coletamos depoimentos obtidos nos links que se seguem:

- <https://buzzfeed.com.br/post/17-pessoas-compartilham-suas-historias-de-relacionamento-abusivo-com-alguem-do-mesmo-sexo>
- <https://buzzfeed.com.br/post/15-sinais-que-ajudam-a-definir-um-relacionamento-abusivo>
- <https://delas.ig.com.br/comportamento/2020-08-26/mulheres-contam-quando-perceberam-estar-em-um-relacionamento-abusivo.html>
- https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/06/10/interna_gerais,1275485/nao-era-amor-campanha-reune-relatos-de-vitimas-de-relacionamentos-abusivos.shtml.

Nas análises de depoimentos retirados das redes sociais, usarei, como marcadores, procedimentos em *negrito*, para destacar aquilo que faz parte da agressão; em *italico* são elementos que culpabilizam a mulher, e *grifado* os elementos de análise que mostram o que é gatilho de violência no modo habitual de relacionamento entre o

sujeito que está na posição-sujeito agressor e a abusada. Estamos destacando essas formas porque são esses os sentidos que se repetem – parafrasticamente - em quase todos os depoimentos, constituindo o que podemos chamar de um *padrão*, ou um ritual. E é sobre as formulações desses sentidos que vamos discorrer nas considerações analíticas.

1 - "*Eu me achava louca o tempo todo, tinha medo de dormir*. A gente já não era namorado, havia se tornado uma relação estranha, eu parecia a mãe dele ou uma psicóloga, eu não parecia alguém que ele amava, mesmo ele frisando isso sempre. **Meu maior estalo foi ele socando a parede na minha frente e falando que eu não amava ele. Percebi que o relacionamento tava estranho e eu só conseguia ver ele me socando.** (...) Esperei ele ter um emprego e, quando ele conseguiu manter por alguns meses, consegui ir embora. *Sim, eu me culpava por ter deixado ele*. Eu dava dinheiro pra ele pagar as contas dele mesmo depois de ter terminado tudo".

2 - "Eu só consegui me livrar dela pedindo que ela passasse alguns dias na casa da mãe e trocando todas as fechaduras da casa nesse período."

"Começamos com um relacionamento aberto e, do nada, ela resolveu que não era mais assim e que eu a estava traindo. A partir daí, começaram as agressões. E era por conta de literalmente qualquer coisa que fizesse menção a traição: cena de novela, filme, gente na rua etc. **Ela me fez pedir demissão do meu emprego e me mudar com ela, de cidade e de estado**, porque, segundo ela, eu estava 'dando' para a cidade toda.

Eu pensei que mudando pra cá com ela as coisas melhorariam, mas, além de piorar, **ela não me deixava falar nem com a minha família. Ela também não aceitava nenhum tipo de término**. *Eu sou faixa preta de karatê, e, mesmo assim, nunca consegui me defender ou reagir de nenhuma forma*. Na verdade, eu me senti como todas as outras mulheres que sofrem abuso.

Eu só consegui me livrar dela pedindo que ela passasse alguns dias na casa da mãe e trocando todas as fechaduras da casa nesse período. E, quando nos encontramos para conversar, alguns dias depois, ela já estava com outra. *Até hoje ela fala que eu sou louca e doente*."

Nas formulações acima, nos recortes 1 e 2, podemos observar o que constitui o ritual do relacionamento abusivo: a intimidação, a culpabilização da vítima, produzindo sua inércia diante das ameaças e, finalmente, o desencadeamento da prática de violência, sendo que a vítima tem dificuldade de compreender o sentido da violência.

Os depoimentos mostram como os sentidos materializam a violência, seja ela de que natureza for: psicológica, emocional, moral ou física. Sempre seguindo um processo em que se constitui uma relação abusiva, que significa tanto o que abusa como o abusado ligados por um mesmo ritual.

Interessante foi observar que este ritual é o mesmo, seja para casais heteros ou homoafetivos. No depoimento número 1, a auto culpabilização aparece explícita em “eu me achava louca o tempo todo”, no depoimento número 2, a culpa está textualizada em “Até hoje ela fala que eu sou louca e doente”, aí dita pelo sujeito abusador.

Importa observar como se constitui a argumentação, nos dois casos, colocando em causa a lucidez do abusado. E isto faz parte do modo como a “verdade” é disputada nesses relacionamentos. O que, na perspectiva discursiva de nossa análise, é um jogo produzido ideologicamente. Discursivamente, consideramos que a argumentação se estrutura ideologicamente (Orlandi, 2022). São formações imaginárias (Pêcheux, 2019) que aí estão funcionando, nesse ritual, uns atribuindo as imagens ao outro. O argumento, no discurso, é definido por Orlandi (idem) como um confronto de sentidos que se constitui entre diferentes formações discursivas, no caso a do agressor e a do sujeito abusado. O

que torna mais difícil a saída da situação de abuso. Não se trata do real da significação, como podemos apreender com a análise do processo de significação, mas do que se disputa como “verdade” e que, para os que estão envolvidos no relacionamento, não é alcançada. O culpado sempre é o outro. E, nos relacionamentos abusivos, faz parte, da argumentação, que esta “verdade” seja a culpabilização da abusada. Como vemos, há pouco de real nessa forma de relacionamento. Formações imaginárias estão aí funcionando abundantemente.

Outra formulação a se observar é a que mostra a demora, do abusado, em procurar uma solução. No depoimento 1, ela espera “esperei ele ter um emprego”, no depoimento 2, também, mesmo sendo faixa preta no karatê, não procura impedir a violência, e só resolve “pedindo para ela passar uns dias na casa da mãe” e trocando a fechadura. Essa inércia, muitas vezes, pode ser fatal. No entanto, o relacionamento abusivo, como se vê nas textualizações que são objetos de nossa análise enredam os sujeitos em sua própria trama, que, no caso, chamam de “afeto”. Diante desse fato, sempre há questionamentos acerca dos motivos que levam as pessoas que são abusadas a permanecerem em uma relação abusiva. Isso se deve à um dos fatos em que as pessoas têm dificuldade em perceber a violência, mesmo que esteja evidente, o abusado não consegue admitir para si mesmo, entrando em estado de negação, acreditando que o pouco de afeto que o abusador apresenta após o ritual de violência, acredita-se que seu parceiro ou parceira possa vir a mudar. Então, vemos o ciclo acontecer repetidamente.

No depoimento 1, temos a seguinte formulação **“Meu maior estalo foi ele socando a parede na minha frente e falando que eu não amava ele. Percebi que o relacionamento tava estranho e eu só conseguia ver ele me socando”**, a agressão física que parte logo após a abusada se sentir culpada e nos interessa ainda observar que a posição do abusador não se reconhece nessa posição, pois o mesmo se coloca em um estado de dependência emocional se vitimando quando diz que a abusada não o ama. Igualmente em traços narcisistas, explicou a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro “Mentes Perigosas – O psicopata mora ao lado”. para conseguirem o que desejam, ou seja, manipulando a vítima para que se sintam inferior ou se culpem. No depoimento 2, relacionamento homossexual, notamos a presença da violência física também, como na formulação **“A partir daí, começaram as agressões**. E era por conta de literalmente qualquer coisa que fizesse menção a traição: cena de novela, filme, gente na rua etc.”. A insegurança que a abusadora coloca na relação resulta em rituais de agressões seguidos de abusos psicológicos.

Ainda no depoimento 2, **“Ela me fez pedir demissão do meu emprego e me mudar com ela, de cidade e de estado**, porque, segundo ela, eu estava 'dando' para a cidade toda.

Eu pensei que mudando pra cá com ela as coisas melhorariam, mas, além de piorar, **ela não me deixava falar nem com a minha família.**” . É notável a falta de liberdade e isso se reproduz em ambos os depoimentos. A posição-sujeito abusada está em risco com sua liberdade de ser, de viver, logo, observamos que o relacionamento abusivo, atenta à liberdade de identificação. Ainda no depoimento 1, temos a seguinte formulação “eu parecia a mãe dele ou uma psicóloga” notamos que há um comportamento de codependência afetiva, ou seja, além de toda culpabilização e abusos, a abusada se sujeita a um estado de dependência resultando em uma crise identitária dos sujeitos, como vemos, que a abusada se torna “mãe” do seu abusador.

Considerações Finais

Ao longo do artigo, a fim de apresentar algumas reflexões sobre as questões e, além de analisar depoimentos resultantes de relacionamento abusivo, notamos que a cultura do machismo influencia na manutenção destes relacionamentos, uma vez que, são considerados abusivos. Notamos o machismo, como uma reprodução de dominação e sexista, como polo dominante e polo dominado, portanto, a superioridade vem do homem sobre a mulher, ou melhor, é uma questão de gênero, e esta é uma formação discursiva que vem do sistema hierárquico. Porque nossa sociedade é estruturalmente dividida e assimétrica (plena de dualismos e relações de força, de poder). Machismo está presente em relações heterossexuais ou homoafetivas, como pudemos apresentar nos relatos de abusos.

É necessário que tenhamos a importância de debater o assunto abordado, afinal, estas relações impactam a vida das pessoas que são vítimas do perfil abusador e, que tornam difíceis na percepção para que saiam desta relação tóxica. Vale ressaltar que o perfil abusador e machista está presente em algumas mulheres e reproduzem a violência verbal, física e psicológica. Se analisarmos a postura do sujeito abusado, através dos depoimentos, notamos que a posição constituída, no início dos abusos, é considerada controlável, que esse processo de violência pode ser mudado, e assim, adota-se um perfil submisso para agradar o sujeito abusador. Como nos diz H. Arendt (1985) sobre a relação de poder e controle sobre o outro. A violência é a última alternativa para manter o controle sobre o outro.

No entanto, não estamos considerando o machismo como causa única e direta do abuso. Seria reduzir as muitas facetas do que pode constituir um relacionamento abusivo. Estamos apenas explorando uma práxis, a da ideologia machista, em suas consequências, quando se trata do relacionamento abusivo. Mas, como pudemos observar, são muitas as formas que adquire o relacionamento abusivo. As relações abusivas não nascem, como estamos vendo, do nada. São muitos os elementos que concorrem para isso. Comentamos nas práticas de violência verbal, nas condições de produção dessas formas de relacionamento, processos de identificação, processos de significação face às distintas formações discursivas e, também, do importante lugar que tem a memória discursiva. Memória pela qual, ao significar, já somos significados. Assim, podemos dizer que a violência, em relacionamentos abusivos, já vem significada na própria relação entre os sujeitos. É desse modo que eles se significam na e a relação. De afeto.

Consideramos que estudos e análises como as que realizamos são uma contribuição, ainda que pequena, para que essa forma de relacionamento possa ser compreendida, e conscientizada para que as pessoas não se prendam ao ciclo de violência que constitui o relacionamento abusivo. Infelizmente as pessoas que são abusadas, na melhor das hipóteses, quando conseguem sair, permanecem eternamente com cicatrizes mesmo que internas. Portanto, sabemos que é importante também a educação em direitos humanos que pode aumentar as práticas sociais de respeito ao outro, e diminuir tantos casos como estes que apresentamos neste trabalho. Analisar, compreender e deslocar práticas de abuso devem fazer parte de projetos educacionais, de projetos de políticas públicas em geral. E a base para essas políticas está no conhecimento, nos projetos político-educacionais, com os quais podemos contribuir.

REFERÊNCIAS

ARCINIEGA, M. G; ANDERSON, T. C; TOVAR-BLANK, Z. Tracey. **Toward a Fuller Conception of Machismo: Development of Machismo and Caballerismo Scale** Journal of Counseling Psychology. 2008.

- ARENDDT, H. **Da violência**. Editora: Universidade de Brasília, 1985.
- AUTHIER-REVUZ, J. “Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n° 19, Campinas: Unicamp, 1990.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Editora Vozes Limitada, 2013.
- GIORDANI, Anney Tojeiro. **Violências contra a mulher**. In: *Violências contra a mulher*. 2006. p. 458-458.
- MAIA, L. R. e Cascaes, N. “A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos”, **ANIMA**, 2017.
- MIRANDA, TL., and SCHIMANSKI, E. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, AJ., org. **Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas** [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014, pp. 66-91.
- ORLANDI, E. **Discurso e Texto** – formulação e circulação de sentidos, Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Da argumentação na Análise de Discurso. In: J. dos Santos Biziak; Fernando Pereira; Sheila Maria Resende-Soares. (Org.). **Rede de afetos em discurso**. 1ed.Campinas: Pontes, 2021, v. 1, p. 107-120.
- _____. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- _____. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZY-RODRIGUES, Suzy (orgs.) **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. 2 ed. Campinas/SP: Pontes, 2010.
- _____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho do simbólico**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.
- PORFÍRIO, Francisco. "Feminicídio"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>. Acesso em 07 de novembro de 2019.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: ed. Unicamp, 1988.
- _____. **Análise Automática do Discurso**. Campinas: Pontes ed., (trad.bras.) 2019.
- _____. **Discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1990.
- Silva, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas: O psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2008.

Como citar este trabalho:

ZINHANI, L. A. M.; ORLANDI, E. DE L. P. Relacionamento abusivo: análise discursiva de depoimentos de vítimas de abusos. **Traços de Linguagem**, v. 6, n. 1, p. 89-99, 2022.